



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

## TERRA PRETA LAB – DES-EMBRANQUECENDO A CIDADE

*EMMILY CAROLINE LEANDRO CASTRO<sup>1</sup>*

*GABRIELA LEANDRO PEREIRA<sup>2</sup>*

**Resumo:** A coletiva Terra Preta formada por Emmily Caroline Leandro, Gabriela Leandro Pereira, Luciana Mayrink, Maria Luiza de Barros e Natália Alves da Silva foi criada após a construção conjunta da apresentação intitulada “Des-embranquecendo a cidade” para uma sessão livre no Enanpur 2019. Esta sessão livre buscou tensionar, a partir de trabalhos de investigações que permeiam a teoria e prática, algumas das dimensões relacionadas à formalidade hegemônica de produção de/sobre a cidade, ainda pautada em abordagens excludentes e parciais. As reflexões desdobradas na sessão perpassam a necessidade de disputar as narrativas sobre a cidade, visando abrir espaços para que outras surjam, reparando um processo histórico de apagamentos. Com essa perspectiva em mente, após a apresentação no Enanpur, para dar continuidade a essas narrativas, foi criado o canal de podcast “Des-embranquecendo a cidade”, o qual atualmente possui dois episódios. Assim, nossa proposta para o 5º Seminário Salvador e Suas Cores é realizar um laboratório de narrativas e entrevistas no formato de podcast, em duas sessões de duas horas cada. Poderão se inscrever graduandos, mestrandos, doutorandos e docentes que tenham interesse em dialogar com essa temática e que tenham experiências e escrevivências relacionadas ao tema ‘des-embranquecer a cidade’, que significa repovoá-la com as coisas que foram sequestradas dela, como se não fosse digno, relevante, próprio ou real. Esse espaço de construção e produção de conhecimentos - tanto a Terra Preta, quanto as sessões aqui propostas- é uma reivindicação da cidade enquanto território de direito ancestral.

**Palavras-chave:** des-embranquecer, cidade, terra preta, território afro-diaspórico, podcast.

Iniciamos essa proposta intitulada Terra Preta – Des-embranquecendo a cidade’ resgatando o histórico que nos trás a essa submissão. Somos cinco mulheres negras localizadas nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro. Nosso encontro e conexão se deram através do grupo criado pela arquiteta Thaise Machado nomeado como "Arquitetas Negras". Nesse grupo foi colocado o interesse e convite da Natália Alves, jornalista e mestre em arquitetura e urbanismo pela UFMG, a fim de construir coletivamente uma proposta para a sessão livre do Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós- graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – edição 2019 (Enanpur 2019). Emmily Caroline Leandro, Gabriela Leandro Pereira, Luciana Mayrink, Maria Luiza de Barros e Natália Alves da Silva se juntaram virtualmente e ao longo de seis meses produziram a proposta que foi aceita para o Enanpur. O tema da sessão livre foi – Des-embranquecendo a cidade: desafios e propostas no campo dos estudos urbanos. Adotando como ponto de partida trabalhos de pesquisa que perpassam os cruzamentos entre gênero, raça e cidade, a sessão se

---

<sup>1</sup> Arquiteta e urbanista. Coletiva Terra Preta. Coletivo Casa Comum . emmily.leandro.arq@gmail.com

<sup>2</sup> Arquiteta e Urbanista. Coletiva Terra Preta. Profa na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia/UFBA).



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

constituiu como uma encruzilhada analítica, entendida como um tempo/espaço onde os caminhos se atravessam, dialogam, se contaminam, gerando efeitos de encantamento do saber em direção à desestabilização de verdades únicas, buscando abrir e fortalecer novos campos de reflexão e possibilidades sobre o espaço urbano e seus modos processuais de existências. Tomando como referência o processo de constituição das cidades brasileiras, buscou-se tensionar algumas das dimensões relacionadas à formalidade hegemônica de produção de/sobre a cidade, ainda pautada em abordagens excludentes e parciais. É comum aos estudos urbanos desperceberem suas estruturas raciais, sexuais e de gênero. Assim, objetiva-se não se abster das experiências racializadas de cidade, seus acúmulos intelectuais, analíticos e subjetivos, para acessar e produzir as reflexões aqui desdobradas. Partindo dessas questões estruturantes da cidade e sociedade brasileira, é sintomático a exclusão das mulheres negras pautando assuntos que tangem o fazer arquitetônico e urbanístico. Ao mesmo tempo, elas, as mulheres negras, sempre estiveram, na prática, provendo a existência coletiva. Tendo em vista o quadro descrito acima, torna-se urgente e necessário disputar as narrativas sobre o urbano, visando abrir espaços para que outras surjam, reparando um processo histórico de apagamentos. Isto posto, podemos apontar que, do atlântico negro às suas reterritorializações em quilombos, favelas, periferias, centros urbanos, práticas, manifestações culturais e grandes projetos urbanos, as dimensões diaspóricas adquirem espacialidades próprias produzindo redes e territórios. A cidade, nesse sentido, eclode desse cruzamento de significados, no qual as territorialidades negras reinventam territórios e formas de existir. Portanto, é nessa chave que os trabalhos apresentados nessa sessão investigam processos, teorias, práticas e movimentos socioespaciais no incurso das urbanidades distintivas das cidades brasileiras. A encruzilhada é entendida como um tempo/espaço de potência onde os caminhos se atravessam, dialogam, se contaminam, gerando efeitos de encantamento do saber e desestabilização de verdades únicas, buscando abrir e fortalecer novos campos de reflexão e possibilidades sobre o espaço urbano e seus modos processuais de existências.

Após a apresentação da sessão livre no Enanpur 2019, pensamos em como dar continuidade a essa exposição de narrativas, pesquisas e reflexões dentro do campo discussões de cidade e território, pelas rede que havia sido formada por essas cinco



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

mulheres profissionais da área da arquitetura e do urbanismo. Assim foi criada a ~~coletiva~~ Terra Preta, coletiva multiterritorial e interseccional. Terra Preta esta que ganha relevância pois remete à heranças ancestrais - africanas e indígenas - que proporciona inúmeras riquezas. É chão fértil e resistente. Consolidação de territórios de memória que expõem horizontes de esperança e perpetuam ações.

Nosso primeiro projeto de atuação, ressoada enquanto Coletiva, é o podcast 'Desembranquecendo a cidade'. Esse canal de publicação é uma importante ferramenta de consolidação da escrita coletiva, que contempla e une expressões e manifestações presentes na arte, na musica e na cultura de forma a proporcionar uma visão ampliada da construção de cidade na arquitetura e no urbanismo. No primeiro episódio disponível em formato de podcast e também em artigo, apresentamos um pouco das questões que nos uniram em uma proposta, por meio dos nossos distintos trânsitos, acúmulos e bagagens, atravessadas por vivências, histórias, memórias, afetos, atuações profissionais e militantes, para pensar e falar sobre as cidades, as vidas contidas nelas e também seus transbordamentos. Para nós a interlocução é importante como gesto gerador, capaz de tecer cartografias feministas afro-diaspóricas, que articulam "raiz e errância" (referencia de Edmilson de Almeida Pereira) e que vazam em palavra com cheiro-força de terra e mar, como bem associa a escritora Cristiane Sobral em seu poema intitulado "águas". A cidade é discursiva e politicamente construída por determinados setores, agentes e sujeitos como uma ficção pequena, pobre e incompleta, quando aparta, minimiza, subjuga e demoniza, aquilo que, ao contrário, lhe permite e assegura que a vida não se acabe. Não abriremos mão de reverenciar, reconhecer e carregar os aprendizados de nossas mais velhas, assim como não nos furtaremos de vislumbrar e ousar futuros maiores. Reconhecemos nossa natureza oceânica e infinita, quando nos encontramos em mulheres como Beatriz Nascimento. Carregamos um corpo-mapa de países longínquos e nos refazemos em cada pedaço de terra que vimos renascer em tantos cantos de formas improváveis.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL



Imagem - Colagem realizada para o primeiro podcast

No segundo episódio com o título “Corpo-mapa” trazemos através da escrita e da oralidade uma discussão sobre conectar territórios, distanciamentos geográficos e movimento de corpos. Uma referência muito presente é Beatriz Nascimento e seu “corpo-mapa de países longínquos” para dar conta, no presente, dos nossos trânsitos ancestrais. Sabemos que o trânsito acumula distintas temporalidades e geografias. Nesse episódio ampliamos essa noção para além dos trânsitos mais distanciados em África e incorporamos os trânsitos recentes, como o da própria Beatriz Nascimento que migrou com sua família, do nordeste para o sul. Nesse processo dialogamos também com a artista da dança Ana Pi que assim como Beatriz dialoga sobre as dimensões do trânsito, do tempo e das geografias. Em “Noir Blue — movimentos de uma dança”, Ana apresenta com os registros em imagens, dos movimentos que experimentou durante uma viagem. Com uma voz doce, de quem sussurra segredos caros ao pé do ouvido, vai anunciando seu percurso. Inscrevendo seu corpo-movimento em diferentes



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

paisagens e conectando 9 países africanos através da sua presença. Ao longo do segundo episódio outras referências são exploradas e compoem juntas esse corpo-mapa.

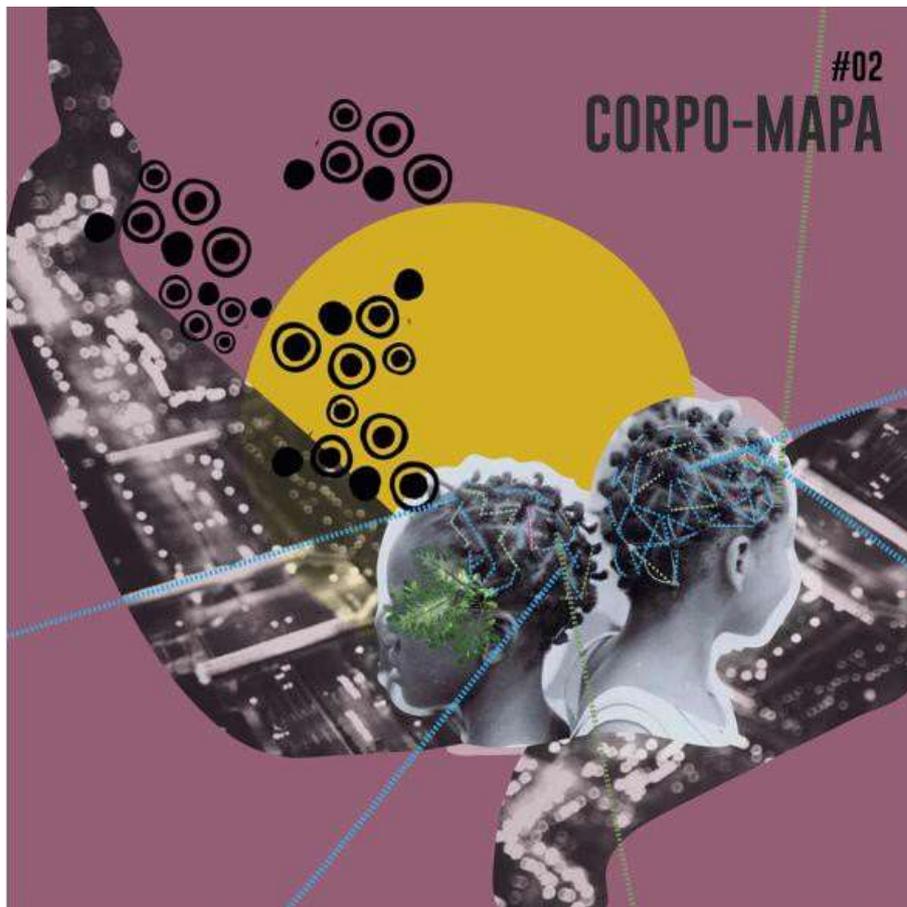


Imagem – Colagem produzida para o segundo podcast

Estamos nesse momento fazendo a produção do terceiro episódio do podcast. Nessa proposta além de produzir uma escrita coletiva vamos contemplar outras narrativas, vivências e pesquisas através de entrevistas e assim mais vozes se permitem nesses espaços. Tem sido um processo muito construtivo de aprendizado e trocas e essa é umas das principais razões para nossa proposta do Terra Preta Lab – Desembranquecendo a Cidade.

O Terra Preta Lab será um momento de construção através da linguagem oral e escrita expressa no formato de podcast e com desdobramentos em formato de artigos. Nossa proposta é realizar duas edições de uma hora cada uma com entrevistas, apresentação de escritas, diálogos, pesquisas e escrevivências que dialoguem com a temática da



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Coletiva que é “Des- embranquecendo a Cidade”. As interessadas e interessados poderão se inscrever para sessões de 10 minutos. Durante a realização das sessões umas das componentes ficará responsável por gerir o tempo e alinhar as demandas. No que diz respeito a infraestrutura precisaremos de um local com isolamento acustico e no que diz respeito aos equipamentos vamos buscar uma parceria com a FACOM para usar os mesmos durante os dias do seminário. Outros detalhes de infraestrutura poderão ser definidos de acordo com a disponibilidade e podemos adaptar a proposta caso seja necessário.

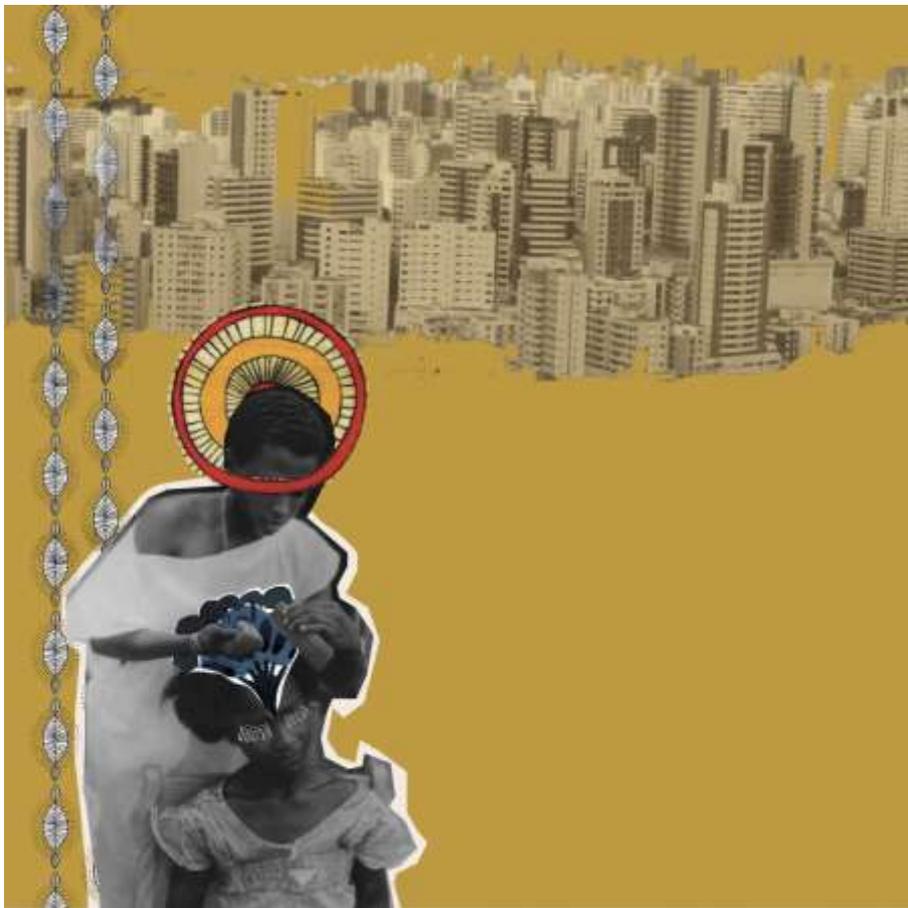


Imagem – Colagem produzida para a tradução para o inglês do primeiro episódio



SALVADOR E SUAS CORES [2019]  
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

## Referencias Bibliograficas

NASCIMENTO, B. ; RATZ, A. Corpo/mapa de um país longínquo. In: Eu sou Atlântica, sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Instituto Kwanza e Imprensa Oficial, 2006. (p. 61–69).

SOBRAL, C. Águas. 2015. Disponível em: <<https://cristianesobral.blogspot.com/2015/04/das-aguas.html>> Acesso em: 21/08/2019.

PEREIRA, G. et al. Coletiva Terra Preta. Corpo-mapa. 2019. Disponível em: <<https://medium.com/@terrapreta/corpo-mapa-d2d22aff1cd2>>.

NOIR Blue. Minas Gerais/frança: Ana Pi, 2017. Son., color.